

Narrativas das professoras do atendimento educacional especializado bilíngue – (AEEb) em um contexto bilíngue de educação no CAP/INES.



Andreia Galloulckydio¹



Elizabeth de Souza Gomes Souza²



Raquel de Moraes Ramos da Silva³

¹Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; andgallopedagogia@gmail.com

²Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; elizabethsouzasantos@gmail.com

³Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; raquel.mmarinbo@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo narrar as experiências vivenciadas pelas professoras do Atendimento Educacional Especializado bilíngue–AEEb, nos atendimentos realizados aos alunos surdos com múltiplas deficiências do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – CAP/INES. Segundo LEBEDEFF (2010), a partir das experiências visuais da surdez, há a necessidade de que, nos processos educativos que envolvam alunos surdos, sejam criadas estratégias ou atividades visuais. Nesse contexto, os objetivos específicos seguem evidenciando a importância do ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como primeira Língua (L1) e a Língua Portuguesa - LP como segunda Língua (L2), através de materiais lúdicos construídos e pensados especificamente para as necessidades dos alunos. Diante do contexto bilíngue de ensino, as vivências tomam como base a metodologia narrativa, de acordo com os autores FIORI; LYRIO; FERRAÇO (2012). Este estudo conta também com legislações pertinentes ao trabalho de profissionais/professores(as) do Atendimento Educacional Especializado – AEE.

Palavras-chave: Narrativas; Atendimento Educacional Especializado; Educação de Surdos; Adequação de material.

Abstract

The aim of this article is to recount the experiences of deaf students with multiple disabilities, who are assisted by the teachers of the Specialized Educational Assistance (AEEb) at the Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – CAP/INES. According to LEBEDEFF (2010), based on the visual experiences of deafness the need for educational processes involving deaf students to create visual strategies or activities, in this context, the specific objectives continue to highlight the importance of teaching the Brazilian Sign Language – LIBRAS as a first Language (L1) and the Portuguese Language – LP as a second Language (L2) through playful materials built specifically for the students' need. Given the bilingual teaching context, the experiences are based on the narrative methodology according to the authors FIORI; LYRIO; FERRAÇO, (2012). Bringing these together studies involving legislation that supports the work of professionals/teachers of Specialized Educational Assistance – AEE.

Keywords: Narratives; Specialized Educational Assistance; Education of the





**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK:**

https://www.youtube.com/watch?v=3ZqT4XNqF_E&list=PL1Ej31ENzZY5IFqET_4m7w-xwWiUea-4C&index=7



Introdução

Ao pensarmos em práticas pedagógicas que contemplem alunos surdos com múltiplas deficiências nos atendimentos realizados na sala do AEEb (Atendimento Educacional Especializado - bilíngue) no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, o trabalho se torna desafiador. Todos os dias estes desafios nos atravessam, levando-nos a reflexões na busca de estratégias para que o ensino aprendiz e o processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, sejam trabalhados como primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa- LP como segunda língua (L2). Logo, é de suma importância apresentarmos para os alunos materiais que possam contribuir para sua compreensão e aprendizagem, por meio de imagens e materiais que são elaborados pensando neste processo de desenvolvimento e de compreensão de mundo. Sendo assim:

A educação Especial, por meio do AEE [...] identifica elabora e organiza recusus pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas (MACHADO, 2010, p. 59).

Enquanto professores bilíngues do Atendimento Educacional Especializado bilíngue – AEEb, cabe a nós pensarmos em adequação de materiais que possam proporcionar a estes alunos com surdez e múltiplas deficiências, estímulos que possam despertar a interação com outros alunos de turma, partilhando momentos através da ludicidade. Segundo MOYLES (2002, p. 123):

A ação do educador é perceber que a melhor brincadeira é aquela que dá espaço para a ação de quem brinca, além de instigar e conter mistérios. No entanto, não fica só na observação e na oferta de brinquedos. Intervém no brincar, não para apartar ou decidir quem fica com que, e sim para estimular a atividade mental e psicomotora dos alunos com questionamentos e sugestões de encaminhamentos

Toda criança tem direito à educação e para que isso aconteça é necessário oportunizar a estes alunos vivências, buscando o que há de melhor em cada aluno. De acordo com a Declaração do Salamanca (1994):

Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas.

E pensando nas características e necessidades desses alunos, o professor do Atendimento Educacional Especializado bilíngue – AEEb deverá focar nos interesses e habilidades que eles já trazem consigo, e perceber através da sensibilidade de um “olhar” diferenciado voltado não somente para as necessidades, e sim, para as potencialidades únicas de cada um. Visto que o campo educacional hoje é diverso e plural, cabe a nós, profissionais da educação, ressignificarmos os espaços escolares, elaborando projetos, e adequando materiais que contemplem os interesses e as suas especificidades de cada aluno do AEEb. No Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES atendemos alunos de todos os seguimentos, assegurando por Lei o atendimento – AEE aos alunos em todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil (SEDIN), Ensino Fundamental - I (SEF-I), Ensino Fundamental – II (SEFII), Ensino Médio – (SEME) até a Educação de Jovens e Adultos – (SEJA). Todo trabalho desempenhado no AEEb segue as normas exigidas conforme o Decreto No. 6.571, de 17 de setembro de 2008, revogado pelo Decreto No. 7.611/2011 com o objetivo de elaborar recursos pedagógicos e disponibilizar acessibilidades para romper barreiras. Pensando nesta acessibilidade alguns alunos são atendidos no contraturno e outros durante o horário escolar em sala de aula, por apresentarem dificuldades de permanecer muito tempo na escola devido as suas especificidades. No AEEb, além do reforço pedagógico/educacional, os alunos recebem todo suporte necessário para terem autonomia, professores(as) mediadores(as), levando à institucionalização da mediação escolar e contribuindo para a inclusão, principalmente nos momentos em que apresentam desordem emocional, recebendo o acolhimento necessário para que se sintam seguros para voltarem a interagir junto aos colegas de turma e professores regentes em sala de aula.

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar, e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especia-

lizado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2008a)

É preciso pensar na inclusão, porém fazê-la de maneira onde todos se sintam integrantes deste espaço chamado escola. Já passamos por várias experiências dentro deste espaço educacional (INES). Em 2015, devido ao aumento expressivo de matrículas de alunos surdos com múltiplas deficiências houve a contratação de professores(as) mediadores(as), levando à institucionalização da mediação escolar e contribuindo para a inclusão destes estudantes em classes regulares. Neste período atuamos como professoras mediadoras neste excelente projeto, onde o trabalho era desenvolver a socialização destes estudantes, além da comunicação e linguagem, questões comportamentais e de ensino-aprendizagem, trabalhando em tal momento a autonomia e compreensão de mundo para que a inclusão ocorresse. Hoje os desafios são outros, a construção e estruturação de salas de Atendimento Educacional Especializado bilíngue - AEEb seguem as normas vigentes da lei, como já foi exposto no início. O objetivo é oferecer um atendimento adequado com professoras pedagogas bilíngues especialistas em educação de surdos, capacitadas em inclusão, autismo, surdez com múltiplas deficiências e com conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Toda esta experiência contribui para o sistema educacional, buscando gerar um trabalho em parceria junto aos professores regentes de todos os seguimentos, assim como toda a equipe pedagógica, pensando em estratégias de adequação de materiais para os alunos do AEEb.

São atribuições do professor do atendimento educacional especializado: a). Identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da educação especial; b). Elaborar e executar plano de atendimento educacional especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade; c). Organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncional; d). Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola; e). Estabelecer parcerias com as áreas inter setoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade; f). Orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno; g). Ensinar e usar recursos de Tecnologia Assistiva, tais como: as tecnologias da informação e comunicação,

a comunicação alternativa e aumentativa, a informática acessível, o soroban, os recursos ópticos e não ópticos, os softwares específicos, os códigos e linguagens, as atividades de orientação e mobilidade entre outros; de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia, atividade e participação. h). Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando a disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares. I). Promover atividades e espaços de participação da família e a interface com os serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros. (BRASIL, 2008a)

Portanto, cabe aqui ressaltar a necessidade de se pensar na construção e elaboração de materiais que despertem o interesse dos alunos surdos com múltiplas deficiências dando visibilidade ao trabalho que vem sendo construído por nós professoras do Atendimento Educacional Especializado – AEE que será narrado no corpo deste artigo, assim como nossas experiências junto a toda equipe pedagógica pensando no alunado que se encontra matriculado no INES e o que ainda iremos receber.

Atendimento Educacional Especializado Bilíngue – AEEB: Surdez com múltiplas deficiências

No contexto da educação inclusiva, o Atendimento Educacional Especializado bilíngue (AEEb) desempenha um papel fundamental ao proporcionar suporte personalizado a alunos com necessidades especiais. Em um cenário bilíngue, como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (CAP/INES), as complexidades aumentam, exigindo uma compreensão profunda das necessidades específicas dos alunos surdos em um ambiente de aprendizado bilíngue. Este estudo se concentra nas narrativas das professoras do AEEb, destacando suas experiências e desafios em um contexto bilíngue de educação.

Vale ressaltar que o Atendimento Educacional Especializado, à luz das leis, refere-se a um conjunto de serviços e recursos pedagógicos oferecidos a estudantes com necessidades educacionais especiais, conforme definido pela legislação educacional de um país específico. No contexto do Brasil, por exemplo, o AEE é regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei nº 9.394/1996), que estabelece o direito à educação inclusiva para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Alguns serviços são oferecidos com o objetivo principal de promover a inclusão dos alunos com necessidades especiais no processo de escolarização em que os sistemas educacionais, mas complementando o ensino na sala de aula convencional possam implementar programas que levem em conta as neces-

sidades destes estudantes. Devem ser disponibilizados recursos e estratégias pedagógicas específicas com material didático adequado, tecnologia assistiva, metodologias diferenciadas e acompanhamento por profissionais especializados, como professores da educação especial. Assim como serviço complementar ou suplementar que acontece na sala de aula comum, não substituindo a escolarização regular, mas complementando o ensino na sala de aula convencional.

Também deverá ser ofertado o atendimento individualizado por profissionais de acordo com as necessidades de cada aluno. Os professores do AEE devem desenvolver um plano de atendimento específico para cada estudante, levando em consideração suas habilidades, dificuldades e potencialidades. Sendo assim, disponibilizar profissionais especializados, como professores de educação especial, psicopedagogos, fonoaudiólogos, entre outros, contribui para programas e projetos que levem em conta a vasta diversidade, características e necessidades dos alunos com necessidades especiais como proposto na Declaração de Salamanca:

[...] aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos [...] (SALAMANCA, 1994).

Portanto, é necessário pensar em recursos que possam proporcionar condições para que o estudante participe ativamente das atividades escolares, promovendo seu desenvolvimento acadêmico, social e emocional.

Para isso é preciso refletir e indaga -se, como trabalhar com o aluno surdo? Essa é uma questão muito peculiar, tendo em vista que, além da surdez, alguns especificidade linguística – cultural do aluno surdo, criando um ambiente linguístico favorável para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. O Atendimento Educacional Especializado contribui nesse percurso da criança surda com múltiplas deficiências, pois é primordial que o aluno aprenda a LIBRAS.

Um outro aspecto diz respeito à construção de materiais didáticos, como nos esclarece Lebedeff (2010, p.180): “a partir da experiência visual da surdez, a necessidade de que os processos educativos que envolvam alunos surdos implementem estratégias ou atividades visuais” [...] “possibilitando eventos de letramento visual...” Desta maneira, estes indivíduos têm o direito ao acesso às informações em sua primeira língua. Como sabemos o Atendimento Edu-

cacional Especializado – AEE é uma diligência especial regulamentada por lei, que antes de 2022 não era oferecida pela instituição INES. Sendo assim, a educação bilíngue tem como objetivo principal garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas para a construção da identidade linguística e cultural dos surdos.

É preciso considerar o uso da língua de sinais no contexto escolar quando nos referimos à educação de surdos, pois é primordial que o aluno aprenda a LIBRAS como língua de instrução e a língua portuguesa como segunda língua, constituindo-se assim sujeito bilíngue. Desta forma, não podemos negar ao aluno surdo o acesso à língua de sinais, pois o uso de ambas as línguas no programa escolar desenvolverá suas habilidades e potencialidades.

Ainda que o estudante com múltiplas deficiências encontre algumas dificuldades para aprender a sua língua, ele estará sendo acompanhado por profissionais do AEEb, que desenvolvem estratégias e metodologias que atendam as suas singularidades. O processo de construção da escrita pelo aluno surdo não está associado à língua oral- auditiva, mas por sua língua materna, LIBRAS, que se encontra presente durante todo processo da escrita, pois o surdo possui uma língua visual – gestual, que tem suas estruturas e regras gramaticais próprias.

A escola precisa avaliar suas políticas de ensino e formação de seus docentes, pois as falhas com a metodologia e técnicas já impostas no ensino, muitas vezes poderão acarretar aos discentes falta de motivação no aprender. Precisamos nos atentar para estes fatos e refletirmos de que forma o conhecimento está sendo transmitido e também recebido por nossos alunos no processo de escolarização.

Objetivo geral

Este artigo tem como objetivo narrar as experiências vivenciadas junto aos alunos surdos com múltiplas deficiências e a necessidade de se pensar na adequação de materiais de acordo aos interesses e especificidades que cada um apresenta.

Objetivos específicos

Narrar as experiências vivenciadas junto aos alunos surdos com múltiplas deficiências do INES atendidos no AEEb;

Evidenciar a importância do ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa – LP como segunda Língua (L2) através de materiais lúdicos construídos e pensados especificamente nas necessidades dos alunos;

Apresentar os materiais adequados pedagogicamente que possam valorizar e respeitar as diferenças culturais e linguísticas.

Metodologia

Metodologia narrativa é uma abordagem de pesquisa qualitativa que se baseia nas histórias pessoais para entender experiências humanas complexas. Tal metodologia destaca as narrativas individuais e coletivas, permitindo aos pesquisadores capturar as nuances das vivências das pessoas. Aqui está uma descrição detalhada de como a metodologia narrativa é geralmente conduzida:

As narrativas expressam a necessidade contínua de desenvolvimento profissional, especialmente em relação às estratégias pedagógicas específicas para o ensino bilíngue. A formação contínua é essencial para melhorar a qualidade do suporte oferecido aos alunos. É preciso criar um ambiente que possa enaltecer a cultura surda e promova a interação positiva entre alunos e professores, entre os pares envolvendo toda a comunidade escolar, pois através da conversa e da partilha entre a equipe de professoras do AEEb, juntamente com a equipe pedagógica da instituição podemos ressignificar as experiências vivenciadas no contexto escolar.

Uma metodologia que se produz com os sujeitos e suas vozes em um movimento dinâmico, rizomático, imprevisível. A cada nova palavra, a cada novo acontecimento, a cada nova experiência ressignificada na palavra do outro, a pesquisa abria-se para uma nova trilha. Caminhos abertos pela conversa (FIORIO; LYRIO; FERRAÇO, 2012, p.95).

A Metodologia utilizada neste trabalho baseia-se nas experiências junto das professoras do AEEb e alunos surdos com múltiplas deficiências, em um espaço educacional bilíngue e bicultural. Através da observação pode-se perceber a necessidade de se pensar com foco para criação desses materiais nos quais toda experiência se torna narrativa do trabalho, seguindo a metodologia de experiência vida.

As narrativas podem ser relatos de experiências, história de vida, diários ou cartas, mergulhando para novas descobertas durante o percurso na pesquisa. A metodologia narrativa permite uma compreensão profunda das experiências humanas, permitindo que os pesquisadores e leitores se conectem com as histórias contadas. A narrativa é uma forma de caracterizar fenômenos da experiência humana, ou melhor, é possível compreendê-la como o estudo de uma das formas com a qual, nos seres humanos, experimentamos o mundo (RAMALLO; ANDRADE, 2019). Ela vem sendo usada por pesquisadores

na área da educação para explorar os temas que são complexos e a ciência sozinha não consegue dar conta mais dessa riqueza de saberes.

Narrando experiências e adequando materiais

Observando e analisando os alunos que recebemos no INES, percebemos a importância de seguir com a legislação e de se criar uma sala de Atendimento Educacional Especializado bilíngue- AEEb, onde neste espaço recebemos os alunos surdos com múltiplas deficiências, visto que o Instituto hoje está recebendo muitos alunos com diversos comprometimentos, assim como, síndromes raras; transtornos diversos; TEA; paralisia cerebral; deficientes intelectuais; entre muitas outras questões que nos instigam e nos levam a pesquisar e nos aprofundar em estudos, para que possamos pensar na adequação e construção de materiais didáticos que possam contemplar o ensino desses alunos.

Ao pensar nas narrativas sobre a construção de materiais, lembramos o que nos motivou durante todo esse percurso até o momento, e da importância de se ter um olhar diferenciado para além das questões pedagógicas, pois ao adequarmos um material foi preciso pensar em quais interesses estes alunos demonstravam e as suas reais necessidades. Assim como nas palavras de FREIRE (1996) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender...” nesta construção de narrativas vamos aprendendo juntos.

Essas adequações são pensadas pela equipe de professoras do AEEb, e em alguns momentos os próprios alunos participam também desta construção por meio do uso de materiais reciclados, o que torna viável a qualquer professor, em qualquer situação e instituição, visto que muitas instituições não têm verbas suficientes e nem a riqueza de materiais disponibilizados em alguns colégios como o CAP/INES. Por isso, é importante que pensemos juntos em estratégias para a composição destes materiais.

Figura 1 - Uso de materiais reciclados em aula



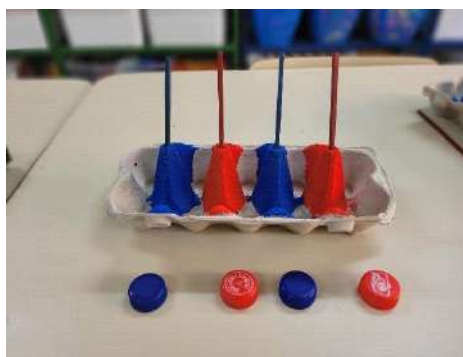
Fonte: arquivo pessoal das autoras

Ao percebermos as características e especificidades de nossos alunos, todos os dias buscamos através da afetividade e da imaginação criar materiais que os contemplem, instigando-os a terem interesse pelo conhecimento através de atividades e materiais que possam contribuir com o ensino-aprendizagem não só de alunos surdos com múltiplas deficiências, mas também que possam ser utilizados por todos da turma.

Sendo assim, devemos levar nossos alunos por caminhos permitindo que a imaginação flua, explorando materiais que para muitos são considerados lixo, desenvolvendo a imaginação, realizando descobertas, e buscando soluções.

Muitas vezes nós professores recebemos certas críticas por juntarmos diversos materiais recicláveis, mas ao olharmos para estes materiais que são descartados, afloramos a imaginação, pensando nas possibilidades de se criar jogos e materiais, adequando-os para que sejam úteis aos nossos alunos.

Figura 2 - Criação de jogos



Fonte: arquivo pessoal das autoras

É preciso pensar que sempre poderá surgir algo novo e interessante para contemplar o ensino-aprendizagem deles. Neste processo de implementação e construção das salas Atendimento Educacional Especializado bilíngue – AEEb é tudo muito novo para todos nós e toda equipe pedagógica do instituto, mas em meio a tantas mudanças durante todo esse processo, os nossos desejos fazem parte dessa construção, da busca, dos sonhos, e das expectativas geradas por intermédio das relações que nos envolvem.

Considerações finais

As narrativas das professoras do AEEb no contexto bilíngue do CAP/INES destacam a complexidade e riqueza desse ambiente educacional único. A adequação curricular bilíngue, a integração da tecnologia assistiva e o foco na inclusão social e cultural emergiram. Além disso, a importância de formação contínua foi enfatizada para capacitar os educadores a fornecer um suporte eficaz e inclusivo aos alunos surdos com múltiplas deficiências em um ambiente bilíngue.

Através das histórias compartilhadas pelas professoras de surdos, suas experiências se tornam mais do que meras narrativas; elas se transformam em testemunhos poderosos da resiliência humana e da importância do apoio educacional especializado. As narrativas também revelam os desafios enfrentados pelas professoras de estudantes surdos e as adequações necessárias para superar essas barreiras. Professores e profissionais de AEEb desempenham um papel essencial na identificação desses desafios e na implementação de estratégias criativas para superá-los, garantindo que cada aluno alcance seu máximo potencial.

Se pensarmos que a vida é vivida de forma narrativa, que o viver é um ininterrupto processo de construir, reconstruir e interpretar histórias, então a pesquisa narrativa figura como uma opção potente e coerente no que se refere ao pesquisar a experiência educativa. (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2016 p.139)

Portanto, se faz necessário ouvir e entender as narrativas das professoras de alunos surdos, educadores e pesquisadores nos movimentos políticos que buscam delinear o futuro da educação inclusiva. As lições aprendidas a partir dessas histórias podem contribuir com um trabalho do AEEb mais eficaz e centrado, garantindo aos alunos a oportunidade de vivências.

Sendo assim, as narrativas que as professoras do Atendimento Educacional Especializado bilíngue - AEEb de alunos surdos com múltiplas deficiências buscaram trazer no corpo deste artigo, são bases para potencializar as experiências que nos atravessam todos os dias diante da diversidade encontrada neste contexto bilíngue. Buscando superar desafios, encontrando forças através do convívio com nossos alunos, refletindo e agindo com base nessas histórias, podemos construir um sistema educacional verdadeiramente inclusivo, onde todos os alunos, independentemente de suas habilidades auditivas, tenham a oportunidade de brilhar e contribuir para um mundo mais igualitário e acolhedor.

Figura 3 - Criança brincando



Fonte: arquivo pessoal das autoras

Figura 4 - Criança brincando



Fonte: arquivo pessoal das autoras

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, DF, 2008b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> Acesso em: 22out. 2023.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes operacionais da educação especial para o atendimento educacional especializado na educação básica. Brasília, 2008a. http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf Acesso em: 22out. 2023.

_____. Ministério da Educação. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL. http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn Acesso em: 22out. 2023.

Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

_____. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2008/decreto-6571-17-setembro-2008-580775-publicacaooriginal-103645-pe.html> acesso 08 dez 2023.

_____. Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm acesso em 07 de dez 2023.

BRASIL. Lei da Presidência da República nº 10.436, de 24 de abril de 2002

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. Currículo, cotidiano e conversações. Revista e-curriculum, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 01-17, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10985>>. Acesso em: 20 out. 2023

FIORI, Angela Francisca Caliman; LYRIO, Kelen Antunes; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com os cotidianos: os múltiplos contextos vividos pelos/as alunos/as. Educ.Real, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 569-587, maio/ago. 2012

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. P.23

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. “Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores Surdos.” Ano, 2010, p.180

MACHADO, R. Sala de recursos multifuncionais: espaço e organização do atendimento educacional especializado. Inclusão: revista da educação especial, Brasília, DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, v. 5, n. 1, jan./jun., 2010.

MOYLES, J. Só brincar? O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

RAMALLO, F.; BORBA ANDRADE, N. K. Descompor a Pedagogia: sobre um poder narrativo na educação. Revista Educare (Online), [S. l.], v. 3, n. 2, p. 24 páginas, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/educare/article/view/45173>>. Acesso em: 23 out. 2023.

RIBEIRO, T.; SANCHES SAMPAIO, C.; DE SOUZA, R. INVESTIGAR NARRATIVAMENTE A FORMAÇÃO DOCENTE: NO ENCONTRO COM O OUTRO, EXPERIÊNCIAS... Roteiro, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 135–154, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9271. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9271>>. Acesso em: 23 out. 2023.

UNESCO (1994) Declaração de Salamanca e o Enquadramento da Acção – Necessidades Educativas Especiais. Adaptado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, Salamanca. UNESCO (1996). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/se>